

O avesso do drama: a carne que resiste

Igor Azevedo Bezerra⁷

Maria Aracy Bonfim⁸

Resumo: O presente trabalho visa analisar contextualmente como a obra *O Averso da Pele*, de Jeferson Tenório, e as músicas “Negro Drama” e “A Carne”, interpretadas por Racionais MC's e Elza Soares, respectivamente, dialogam entre si ao evidenciar as marcas da violência racial e estrutural, bem como as formas de resistência negra no Brasil. Para isso, faz-se necessário contextualizar as questões raciais atreladas a violência racial no Brasil como tópicos de exigência da resistência negra, além disso, identificar as representações do racismo estrutural na obra e músicas citadas a partir de experiências de exclusão, violência e estigmatização da população negra brasileira, e, por fim, compreender o diálogo entre as três obras em vista as conexões entre memória, identidade e resistência negras em vista às abordagens reconstrutivas perante a identidade e resistência negras individuais e coletivas representadas. Para a fundamentação desta análise, recorreu-se aos postulados teóricos e bibliográficos como Costa e Azevedo (2016), Santos (1983) e Abreu e Moser (2023) a respeito das temáticas envolvidas quanto a violência racial e policial atreladas às ideologias de cunho racista, bem como a obra literária *O Averso da pele*, de Jeferson Tenório, em um panorama intertextual às músicas “A Carne”, de Elza Soares, e “Negro Drama”, de Racionais MC's. Logo, este estudo pode contribuir não somente a respeito da abordagem a respeito da luta do negro quanto as questões raciais no Brasil contemporâneo, como também ilustra a literatura como lócus dialógicos com outras artes.

Palavras-chave: Literatura e música. Memória. Identidade. Racismo estrutural. Resistência negra.

Abstract: This paper aims to analyze contextually how Jeferson Tenório's work *O avesso da pele* (*The Dark Side of the Skin*) and the songs “Negro Drama” and “A Carne”, performed by Racionais MC's and Elza Soares, respectively, relate to each other by highlighting the marks of racial and structural violence, as well as forms of black resistance in Brazil. To this end, it is necessary to contextualize racial issues linked to racial violence in Brazil as topics of black resistance, in addition to identify representations of structural racism in the work and songs cited based on experiences of exclusion, violence, and stigmatization of the Brazilian black population, and, finally, understand the dialogue between the three works in view of the connections between black memory, identity, and resistance in view of the reconstructive approaches to individual and collective black identity and resistance represented. To support this analysis, the study in question drew on theoretical and bibliographic

⁷ Mestrando em Letras pelo PGLetras - Programa de Pós-Graduação em Letras/UFMA; Pós-graduado em Literatura Brasileira pela Faculdade de Educação São Luís (FESL); Graduado em Letras pela Faculdade Pitágoras do Maranhão; Professor da Educação Básica na rede pública do Estado do Maranhão (SEDUC/MA); Pesquisador na área de Letras, com ênfase em Literatura Comparada, Literatura Negra, Literatura Decolonial e Pós-colonial; Membro do Grifo - Estudos Literários.

⁸ Professora no Departamento de Letras da Universidade Federal do Maranhão; docente permanente nos Programas de pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Maranhão e Universidade Estadual do Maranhão. Líder do Grupo de Pesquisa Grifo - Estudos Literários. Pesquisadora no Grupo de Estudos Osmanianos da Universidade de Brasília. Tem pós-doutorado em Literatura na Temple University, Filadélfia, Pensilvânia, E.U.A.; Doutorado em Literatura e Práticas Sociais na Universidade de Brasília e Mestrado em Literatura Brasileira na mesma instituição. Editora-chefe da Revista Littera - Estudos Linguísticos e Literários.

postulates such as Costa and Azevedo (2016), Santos (1983), and Abreu and Moser (2023) regarding the themes involved in racial and police violence linked to racist ideologies, as well as the literary work O avesso da pele (The Other Side of the Skin) by Jeferson Tenório, in an intertextual overview of the songs “A Carne” by Elza Soares and “Negro Drama” by Racionais MC’s. Therefore, this study can contribute not only to the approach to the struggle of black people and racial issues in contemporary Brazil but also illustrates literature as a locus of dialogue with other arts.

KEYWORDS: Literature and music. Memory. Identity. Structural racism. Black resistance.

Introdução

A realidade do povo negro no Brasil é marcada por um enraizado sistema de exclusões e estigmatizações que atravessa séculos, ressoando até os dias atuais. Desde os tempos coloniais, passando pelo período escravocrata até o presente, a população negra tem sido submetida a processos históricos que a colocam à margem da sociedade, o que se reflete em dados alarmantes de violência, desigualdade e morte. Nesse contexto, torna-se necessário compreender as estratégias de resistência que emergem como formas de afirmação identitária e de enfrentamento à opressão racial, em que a literatura e a música se revelam espaços potentes de denúncia, memória e reconstrução de subjetividades negras.

Assim, propõe-se uma análise intertextual, nesse artigo, entre o romance *O avesso da Pele*, de Jeferson Tenório, e as músicas “A Carne”, de Elza Soares, e “Negro Drama”, do grupo Racionais MC’s, a fim de compreender o diálogo com as marcas da violência racial estrutural e as múltiplas formas de resistência negra no Brasil. Portanto, essas produções não apenas denunciam o racismo institucionalizado, mas também promovem uma ressignificação da identidade negra.

Racismo estrutural e violência no Brasil: uma luta por resistência

Debates acerca da violência contra a pessoa negra, direcionados às questões do racismo estrutural no Brasil, fazem-se recorrentes e necessários no país. Conforme o Atlas da Violência no Brasil, em 2024, 46.409 pessoas foram assassinadas, sendo 76,5% delas pretas e pardas. Dados divulgados pelo CESeC – Centro de Estudos de Segurança e

Cidadania – comprovam ainda mais que a violência policial, por exemplo, negligencia a raça: negros fazem parte de 87,8% das 4.025 vítimas, ou seja, a cada quatro horas uma pessoa negra foi assassinada pela polícia. Logo, conclui-se que o debate acerca da contemporaneidade da temática negra deve-se fazer pertinente, a fim de garantir melhores e efetivas políticas de proteção a pessoa negra, bem como incentivar e possibilitar a mudança de um discurso racista, ainda em voga socialmente e que tem ido muito além da segregação, uma vez que é o responsável por ceifar, injustamente, milhares de vidas.

Os altos índices de violência racial estão interligados ao processo ideológico contextualizado historicamente no Brasil: o país cultiva a herança discriminatória desde meados do século XVI, através da abordagem escravocrata e relacionada ao processo de colonização brasileira. Tal processo se assemelha ao ocorrido em outros países: a partir da ideologia de submissão e o uso de mão de obra escrava e negra, os portugueses que aqui chegaram utilizaram o mesmo sistema para colonizar o país. De acordo com a contextualização histórica brasileira, nem mesmo os povos indígenas que aqui foram encontrados escaparam do processo, porém logo foram substituídos pela mão de obra negra. Conforme Costa e Azevedo (2016),

Desde a época da colonização do Brasil por Portugal e após o fracasso em escravizar totalmente a população indígena precedente no país, os portugueses passaram a trazer para o Brasil, negros e negras africanos para trabalhar de forma escrava na colônia. Com o passar do tempo e as mudanças econômicas, a Inglaterra, que exportava produtos ingleses para o Brasil, percebeu que para aumentar seu comércio era necessário que mais pessoas brasileiras pudessem comprar. Dessa forma, passou a pleitear perante as autoridades luso-brasileiras, a libertação dos (as) escravos (as) para que assim os mesmos pudessem se tornar consumidores e assim aumentar o mercado inglês (COSTA; AZEVEDO, 2016, p. 146).

Surgiu, assim, a necessidade de criação de leis que possibilitariam, parcialmente, a libertação de escravos. É perceptível que, a partir da assinatura da Lei Áurea, sancionada pela Princesa Isabel em 1888, o processo de abolição da escravatura não foi suficiente para extinguir a ideologia racista no contexto social brasileiro: mesmo que tenha servido como um aparato legal de liberdade, não auxiliou na produção de um discurso de apoio à

(re)moldagem dos paradigmas ideológicos e sociais sobre tal questão, já que estes não foram socialmente retrabalhados.

Anteriormente à Lei Áurea, muitas outras leis foram impostas, porém sem grande efetivação. Assim, muitos escravos se viam na obrigação de fugirem das terras em que prestavam, de forma escrava, os seus serviços, sendo esta a única e real válvula de escape desse sistema de submissão racial. Como não eram legalmente livres, passaram a ocupar terras ilegais e aglomeradas, tendo o processo de fuga possibilitado, assim, o surgimento das favelas.

Ainda conforme Costa e Azevedo (2016, p. 149), durante o período pós-escravidão, Rio de Janeiro e Fortaleza serviram como as principais cidades que oportunizavam uma solução para descendentes de escravos e pelas pessoas de baixa renda, a partir da moradia em favelas, levantamentos de autoconstruções e a ocupação de espaços tidos como cortiços. Valladares (1998, p.07), por sua vez, reafirma que tais lugares eram “considerado[s] [...] como o lócus da pobreza, espaço onde residiam trabalhadores e se concentravam, em grande número vadios e malandros, a chamada ‘classe perigosa’”, o que reafirma a tese de que o discurso racista se fez através do processo histórico e ideológico de escravidão e libertação negra, movido até hoje a partir da resistência e descendência desse discurso.

Portanto, os negros que foram escravizados se viram na situação ideológica de ainda serem vistos como inferiores ao sistema social, através da manutenção ideológica racista, conforme afirma Santos (1983): “a sociedade escravista, ao transformar o africano em escravo, definiu o negro como raça, demarcou o seu lugar, a maneira de tratar e ser tratado, os padrões de interação com o branco e instituiu o paralelismo entre cor negra e posição social inferior”.

A questão se tornou praticamente hereditária, uma vez que o falso ideal de excentricidade da raça negra foi repassado através do tempo, em vista a estereotipagem negra, desde questões inerentes ao colorismo até ao modo de vestir ou características fenotípicas negras (como textura do cabelo, formato do nariz e dos lábios). Logo, interpreta-se, assim, o conceito de raça como um conceito ideológico, que hierarquiza, em

classes, os cidadãos envolvidos, a partir do repasse ideológico através do tempo e até mesmo a falta de interesse na compreensão da luta racial envolvendo a pessoa negra.

Santos (1983), afirma que o negro se encaixa, nesse contexto, como ser social inferior e que ganha uma situação de “Fato”, desde a sociedade escravocrata até quando esta é substituída pela capitalista: o negro que se cabe, neste momento, ao papel de ser disciplinado (dócil, submisso e útil), sem a fácil possibilidade de se ver rotulado de outra maneira; enquanto ao homem branco, este permanece encaixado em um ideal de ser autoritário e até mesmo paternalista, em vista a herança senhorial.

Surge, então, a necessidade de construção de um discurso emancipatório negro contra a esses ideais: o discurso atrelado a uma herança de raça submissa impedia e impede a ascensão social, financeira e até mesmo cultural no novo modelo econômico, bem como a existência de um concreto ideal de liberdade, jamais sido visto além da promulgação da lei Áurea, que somente oportunizou uma falsa liberdade, já que, socialmente, o negro sempre era visto como inferior ao branco, desde às questões de cor e até mesmo pelas oportunidades propostas socialmente.

Consequentemente, o ideal de inferioridade negra pós-escravidão, bem como a falta de reais oportunidades em vista a educação, dignidade e ascensão social, colocou o homem negro não somente como um ser submisso, mas também um ser à margem da sociedade, ganhando, automaticamente, status de cidadão marginal e suscetível aos aspectos inerentes à marginalidade, como o uso de drogas e atos ilícitos.

A partir do branqueamento social, teoria ideológica que coloca a raça branca como regente aos controles sociais, há a marginalização do corpo negro, não somente entre os cidadãos, mas para o próprio Estado. Telles et al. (2011, p.46) afirmam que corpos negros estão sob o controle de políticas estatais, que, pelo embranquecimento de seus ideais, estes alinhados a ideologias racistas, tornam o negro um ser descartável. Assim, a raça negra, suscetível desde cedo à marginalidade pelo preconceito racial e pelo branqueamento dos ideais sociais, vê-se marginalizada, também, pelas políticas de Estado e de Segurança Pública, comprovado através dos dados inicialmente citados nesse estudo. Assim, cultiva-se a existência de um sistema policial seletivo e preconceituoso,

podado através nos ideais de branqueamento, cultivado historicamente. Conforme Abreu e Moser (2023),

Muitas ocorrências que envolvem violência policial nas periferias do Brasil, não se tratam de uma ação despreparada ou como uma simples ação em defesa da sociedade, na verdade, é fruto de uma política seletiva e excludente, defendida pelo Estado, que potencializa o extermínio da população que, em sua maioria, são adolescentes, jovens e negros. Sua prática violenta tende a se limitar mais em determinados espaços, ao passo que em outros, essa ação não ocorre da mesma maneira ou nem mesmo acontece. Isso sugere uma polícia seletiva e racista (ABREU; MOSER, 2023).

Dessa forma, percebe-se que o ser negro, no Brasil, ainda é sinônimo de luta não somente pela sobrevivência, mas também pela tentativa de anular tais ideais sociais que anulam a existência e cultura negras. O processo de conscientização, porém, não deve partir somente do homem negro, mas de forma conjunta com o homem branco. Esse disparate negligencia inúmeras vidas afetadas pela violência e marginalidade a partir das desigualdades raciais e sociais, bem como pensamentos conservadores e preconceituosos, que se mantêm através do tempo, seja pelo convívio familiar ou pelos dispositivos ideológicos.

Visto isso, o homem negro se vê em uma posição de luta e resistência constante em busca da manutenção e construção de seus ideais, utilizando, assim, meios e estratégias de demonstração e composição de sua resistência, sendo a literatura e a música algumas delas: o uso artístico, bem como os diversos veículos de comunicação existentes, de forma constante, servem como dispositivos de divulgação de ideais conscientizadores e dos percalços sociais vividos pela classe. Porém, a inserção do negro nas artes foi um processo tardio e árduo, em consequência dos ideais racistas vigentes; ainda assim, diante de tantos empecilhos, sua inserção e promoção fizeram-se necessários para que, de fato, a arte cumprisse uma de suas inúmeras funções: servir de voz a povos hostilizados e a de poder realizar denúncias sociais em buscas de melhores condições de vida a um povo marginalizado.

A exclusão e o estigma: representações do racismo em *O avesso da pele, negro drama e a carne*

A arte, enquanto forma de expressão de um povo, possibilita não somente a promoção, mas também a demonstração de resistência a questões sociais, no enfoque às questões reflexivas ao racismo. O ato de ler e produzir obras literárias contextualizadas à realidade, no contexto deste trabalho quanto às questões negras, não somente se encaixa como um ato político de apoio e conscientização da resistência negra, mas possibilita a construção e firmamento de um ideal de autopertencimento do homem negro à causa. Assim, é necessária a identificação dessas representações no teor da arte em que se faz presente.

No que se refere a possibilidade de diálogo entre obra e realidade, estudos de Silva Júnior e Almeida (2021) consideram que uma obra literária está sempre atrelada ao seu tempo de produção, trazendo possibilidades de reflexão acerca das diversas realidades de construção textual, ou seja, o autor é livre para utilizar a temática que mais o convence e mais o representa em seu estilo literário, tendo, assim, a opção de abordar aspirações individuais ou coletivas.

Anteriormente, a literatura era vista como um objeto somente fictício, sem relação direta com a realidade, “da imaginação do escritor e que não possuía os requisitos necessários de verdade e legitimidade para servir como aporte de explicação da realidade histórica onde esta era produzida, ou sobre a qual se referia.” (SILVA JÚNIOR; ALMEIDA, 2021). Porém, com o advento da Sociologia da Literatura, percebeu-se um grande elo entre espaço e tempo, em que a teoria do reflexo social diante do processo de verossimilhança possibilita uma análise infundada de uma obra literária e sua interligação com a realidade.

Ao tomar como exemplo *O avesso da pele*, obra do autor Jeferson Tenório, publicada em 2020 e vencedora do Prêmio Jabuti 2021, o leitor conhece Pedro, um jovem professor que busca compreender a trajetória do pai, Henrique, um professor de Literatura que foi assassinado injustamente pela polícia. Em formato de carta, Pedro busca reconstruir a vida do pai, de origem humilde, vítima do racismo estrutural desde a infância difícil e sua autoridade questionada como professor, por conta de sua identidade negra. Ainda assim, Henrique buscou mudar tal realidade em sala de aula, ao deixar clara a necessidade da autoidentidade.

Um grupo especialmente se exibia dizendo que fulano matou não sei quem e agora o sicrano vai mandar bala no fulano. Você viu que eles contavam aquilo por prazer. Você os olhou, a maioria era composta de negros. Evocê sabia bem para onde eles estavam se encaminhando. Você deveria ser um exemplo para eles. O único professor negro da escola, certamente você deveria dar um exemplo, talvez por impulso, culpa, ou mesmo porque sentia que ainda precisava fazer algo (Tenório, 2020).

Ao ter esse movimento no enredo, Henrique deixa de ser somente um personagem fictício e transparece possível diálogo existente entre obra e realidade: a figura do professor, por muitas vezes, perpassa o lado profissional e esclarece seus posicionamentos ideológicos e pessoais a fim de conscientizar seus alunos, principalmente se estes envolvem, como no caso, temáticas como a marginalidade e o racismo estrutural, discutidas e posicionadas a partir da autoidentidade negra pelo personagem, esta construída através das ideologias raciais que ele se identifica e faz parte.

Nesse contexto, o narrador também comprova esse diálogo direto entre obra e realidade, ao deixar marcas em respeito à profissão do pai quanto à importância da educação como instrumento de não somente aprendizagem, mas de ascensão e consciência social.

E apesar de tudo, nesta casa, neste apartamento, você será sempre um corpo que não vai parar de morrer. Será sempre o pai que se recusa a partir. Na verdade, você nunca soube ir embora. Até o fim você acreditou que os livros poderiam fazer algo pelas pessoas. No entanto, você entrou e saiu da vida, e ela continuou áspera (Tenório, 2020).

A violência ao homem negro é, sem dúvida, uma temática direta a obra: Henrique, a partir do narrador de Jeferson Tenório, não somente foi vítima física do racismo, mas também psicológica direta e indiretamente, uma vez que se sentiu obrigado a alterar sua linguagem comportamental, desde a infância, por conta da cor da pele, para não sofrer a repressão a si destinada e não correr risco de ser, assim, marginalizado.

Assim, é possível inferir que esse conjunto de estereótipos comportamentais foi repassado no convívio familiar que, sem dúvidas, comprova a (re)existência negra. Além disso, tais estereótipos, no que tange aos aspectos culturais, foram moldados através da ideologia racista, que motiva violências diversas, como as institucionais, que trazem

temeridade do homem negro à sociedade. Essa temeridade diante das incertezas do futuro do homem negro, que está fadado a marginalidade e a ser vítima do preconceito, está diretamente presente na obra de Jeferson Tenório:

Então você chorou, e nem sabia bem por quê; na verdade sabia: você estava com os olhos cheios d'água porque tinha lembrado da primeira vez em que foi a um terapeuta, depois de ter tido um ataque de ansiedade por causa da história da explosão do sol e daquela maldita marca de tiro no assoalho na casa da sua avó. Quem te levou foi sua mãe. Disse que sempre desconfiou que você tivesse autismo, porque nunca foi de falar muito, você era quieto demais e às vezes ficava parado por muito tempo olhando a esmo para o céu e sua mãe se preocupava porque achava que aquilo era algum tipo de problema grave que você tinha na cabeça. (...) Você apenas pensou que havia um problema com você, mas talvez nunca tenha percebido que toda aquela vontade de ficar calado, que toda aquela vontade de permanecer quieto, pudesse ter a ver com a cor da sua pele. Que o seu receio de falar, seu receio de se expor, pudesse ter a ver com as orientações que você recebeu desde a infância: não chame a atenção dos brancos. Não fale alto em certos lugares, as pessoas se assustam quando um rapaz negro fala alto. Não ande por muito tempo atrás de uma pessoa branca, na rua. Não faça nenhum tipo de movimento brusco quando um policial te abordar. Nunca saia sem documentos. Não ande com quem não presta. Não seja um vagabundo, tenha sempre um emprego. Tudo isso passara anos reverberando em você. Como uma espécie de mantra. Um manual de sobrevivência (Tenório, 2020).

Percebe-se que uma simples ação/objeto exterior, relacionados a determinada condição subalterna em que se encontra obrigatoriamente inserido, serve de clarividência ao homem negro, que se vê, desde a infância, na necessidade de criar uma identidade ligada à resistência e, de alguma forma, envolvido na luta pelo seu espaço social.

O tema central da obra concerne na brutalidade policial e a omissão estatal perante a impunidade ao homem negro: Henrique é assassinado em uma das abordagens que sofrera em toda a vida. Nessas abordagens policiais, o narrador deixa claro que o julgamento racial se faz pertinente, não sendo somente uma coincidência ou generalização, mas que o corpo negro sempre é visto de forma subestimada e marginalizada, interligada ao estereótipo social criado a partir do processo de escravidão.

Os policiais te deram uma boa olhada; poucas vezes na vida você se preocupou com suas roupas, em se vestir bem. Um deles te perguntou onde você trabalhava. Numa escola. Sou professor, você respondeu.

Depois, educadamente, eles te solicitaram os documentos e te perguntaram onde você morava e se era usuário de drogas. Além disso, você teve de ouvir a sua própria descrição através de uma voz feminina vinda da central policial: *o suspeito é negro, natural do Rio de Janeiro, estatura mediana, casaco preto. Se já revistou, pode liberar, ele tá limpo.* Mas acontece que o policial não te revistou. Eles estavam convencidos de que você não era uma ameaça para a sociedade. Eles sorriram, te desejaram um bom dia, subiram em suas motos e foram embora. Você ficou ali na esquina, parado, ainda sob o olhar de gente desconfiada. Porque um suspeito é sempre um suspeito, mesmo que a polícia te libere e te diga bom-dia e tenha-um-bom-trabalho. Você, aos cinquenta anos, continuou sendo um suspeito. (...) No caminho para a escola você inevitavelmente foi lembrando de algumas abordagens policiais que sofrera na vida (TENÓRIO, 2020).

Assim, pode-se considerar o diálogo entre a literatura e realidade como a reflexão do processo de construção da abordagem dos corpos negros na sociedade, vistos de forma violenta e até mesmo desumana. Logo, a obra se encaixa como uma poderosa denúncia ao racismo e a violência policial, além de construir uma relação racial sensível e identitária, com enfoque a sua reafirmação.

Quanto à arte musical, esta pode desempenhar o papel de questionamento das estruturas raciais no Brasil, como uma forma de verbalizar sentimentos de resistência, conscientizar possíveis ouvintes da hostilidade sofrida pelo negro, bem como denunciar as diversas formas de racismo. Portanto, a música possui um papel de reflexo social ao contexto do país. Assim, Raymundo (2021) considera que:

Escutar o que as pessoas negras têm a nos dizer nos encaminha para a superação de um país fundado na exploração e marcado pelo racismo. No caso dos homens negros, reconhecer a cristalização de um estigma de ameaça e desvinculá-los desse ideal os possibilita outros modos de viver e ocupar o mundo (RAYMUNDO, 2021, p. 47).

Logo, é perceptível que a música não somente se insere como um veículo de comunicação que verbaliza os anseios de uma raça ou povo, mas também é um instrumento que possibilita a ascensão de ideais, na denúncia de qualquer tipo de discriminação ao homem negro e auxilia na busca pela conscientização dos percalços que este ainda precisa enfrentar diante da sociedade.

No Brasil, diversos cantores usaram e usam a arte musical como lócus de denúncia e reafirmação da raça, a fim de alcançar outros meios e serem ouvidos. A figura de Elza Soares pode ser um dos destaques, pois esta contribuiu, em suas letras, na luta pela causa. Neste estudo, a fim de estabelecer o diálogo existente entre literatura e música, destaca-se, aqui, a produção de Elza, intitulada “A Carne”. Composta por Seu Jorge, Marcelo Yuka e Ulisses Cappelette, que se caracteriza por um manifesto acerca do racismo estrutural no Brasil.

Lançada em meados de 2002, porém com a temática ainda atual, a canção pertencente ao álbum “*Do Cóccix Até o Pescoço*” aborda temas como a marginalização negra e efetua, por meio de sua musicalidade, uma denúncia às desigualdades que permanecem desde a escravidão até os dias atuais. Não somente nessa composição, mas a intérprete utilizou sua voz para o protesto e conscientização à causa negra, criando, assim, lembretes quanto à necessidade de lutar contra o racismo estrutural no país.

O fragmento “A carne mais barata do mercado é a carne negra” possibilita ao ouvinte um resumo acerca da tese central da música: a desvalorização da população negra na sociedade brasileira. Historicamente, foi visto que os negros foram explorados desde a escravidão, e, mesmo após o processo abolicionista, continuaram relegados a condições precárias de vida e trabalho, sendo obrigados a viver à margem da sociedade e na criminalidade, através da replicação do discurso ideológico racista.

Assim, compreende-se que o termo “carne”, em vez de “pessoa”, intensifica a crítica ao tratamento recebido pelo negro, visto não somente no período colonial como mercadoria, mas até hoje ser considerado um ser amorfo pelo racismo, transparente em atitudes não somente discriminatórias, mas também por meio da mão de obra barata e a violência diversa contra seus corpos.

Outro exemplo musical que aborda a temática negra diretamente é a banda de rap Racionais MC’s, grupo brasileiro mais influente da música brasileira. Em suas letras, a banda retrata, diretamente, fatores acerca da criminalidade e desigualdade social do homem negro inserido na marginalidade e vítima dos preconceitos raciais impostos pela sociedade. Em “Negro Drama”, por exemplo, depara-se diretamente com a realidade periférica brasileira, bem como a vivência da população negra perante o racismo estrutural

e a violência urbana. Lançada no álbum *Nada Como um Dia Após o Outro Dia* (2002), a canção é um relato dos integrantes quanto as críticas e injustiças sofridas pelo negro no Brasil.

Por si só, o título “Negro Drama” já possibilita uma válida e abrangente interpretação e diálogo à realidade: este remete à dor e à luta histórica sofrida pelo povo negro, que vê suas questões raciais banalizadas pela sociedade a partir da herança escravocrata cultivada através do tempo. Há uma busca incessante, por parte do homem negro, de uma ascensão social em um sistema que o marginaliza: o “sucesso” pode até existir, mas a “lama”, nesse contexto, encaixa-se como um símbolo da pobreza e o ciclo de violência a que se encontram submetidos. Assim, essa expressão faz referência a herança histórica da escravidão e suas consequências na sociedade atual, além de que a marginalização da população negra não é um acaso, mas sim, fruto de um sistema que perpetua desigualdades.

Memória, identidade e resistência: o diálogo entre literatura e música na reconstrução de histórias negras

Em busca da compreensão quanto ao diálogo existente entre as três obras citadas neste artigo, no que tange às conexões relacionadas entre memória, identidade e resistência negras no contexto brasileiro, que se fazem presentes e necessárias a fim de contextualizar a luta individual e coletiva na luta contra o racismo e quaisquer discriminações, faz-se importante realizar uma análise intertextual entre as três obras, através da leitura, contextualização e compreensão através de seus fragmentos.

O avesso na carne: a intertextualidade em Elza Soares e Jeferson Tenório

Conforme analisado anteriormente, na música “A carne”, Elza Soares tece uma crítica direta não somente em referência ao período escravagista e antepassado negro (“A carne mais barata do mercado é a carne negra”), mas também à condição subalterna que o homem negro ainda se encontra na sociedade brasileira, pautada em questões racistas e más condições de sobrevivência por muitos ainda estar inseridos à margem.

É necessário inferir que, a afirmação de Elza Soares a respeito de que é o negro “*Que vai de graça pro presídio/ E vai para debaixo do plástico/ Que vai de graça pro subemprego/ E pros hospitais psiquiátricos*”, possibilita uma explícita relação de intertextualidade à obra de Jeferson Tenório: o personagem Henrique não somente foi vítima de diversas abordagens ao longo da vida, como também foi vítima de falsa acusação por conta de sua cor, tendo corrido o risco de ser, injustamente, preso.

(...) você lembra que um dia já tinha sido algemado como um bandido. Isso aos catorze anos, quando você estava num ponto esperando o ônibus, em Copacabana, para ir encontrar seu padrasto. Foi então que um ônibus parou e dele desceram alguns moleques que apontaram para você dizendo: *foi ele, foi ele*. Você não tinha a mínima ideia do que estava acontecendo, e num impulso decidiu correr e, ao olhar para trás, viu um monte de gente correndo atrás de você. E por instinto de sobrevivência você entrou numa galeria de lojas, na rua Barata Ribeiro. Você entrou no primeiro lugar aberto que encontrou: uma igreja evangélica Assembleia de Deus. (...) Você entrou e se escondeu atrás de um dos bancos. A igreja estava vazia. Ficou ali, quieto, esperando, escutando a própria respiração. Mas então ouviu gritos: *ele tá aqui, ele tá aqui*. E de repente a igreja foi invadida por sabe-se lá quantos daqueles moleques sedentos por vingança. Um deles te achou e te apontou. Em instantes vieram todos para cima de você. Socos e chutes na cabeça, na barriga e no rosto, até você começar a sentir o gosto enjoativo do sangue. Você não ofereceu nenhuma resistência, apenas se colocou em posição fetal e tentou dizer: *eu não fiz nada*. Depois começou a perder os sentidos. Então alguém sacou uma arma e apontou para a sua cabeça, você ainda pode ouvir um deles gritando: *nós vamo te passar, neguim, tu vai morrê agora, neguim*. (...) Você foi levado algemado para uma delegacia. Foi a primeira vez que você sentiu o ferro frio de uma algema nos pulsos. Ao seu redor, pessoas te xingavam e te chamavam de ladrão e ainda diziam que daquela você não escaparia. Somente na delegacia as coisas foram esclarecidas: você havia sido confundido com um bandido. (Acharam que você tinha roubado o boné de um daqueles moleques.) E ser confundido com bandido vai fazer parte da sua trajetória. E você vai custar a compreender por que essas coisas acontecem (TENÓRIO, 2020).

Assim, Henrique, no decorrer de suas vivências, é submetido a diversas tribulações por conta de sua raça, isso até se tornar mais um negro que “*...vai para debaixo do plástico*”, nas palavras de Soares (2002). No enredo de Tenório (2020), o professor Henrique Nunes “*...não morreu por mera circunstância da vida, morreu porque era alvo de*

uma política de Estado. Uma política que persegue e mata homens negros e mulheres negras há séculos.”

Historicamente, ao ser colocado à margem após a abolição da escravidão, sem direitos a uma educação de qualidade, nem com oportunidades de ascensão social, a figura do negro necessitou vender, assim, sua mão de obra de forma barata para sobreviver ao sistema capitalista vigente, o que configurou numa nova forma de exploração do corpo negro, que consistiu naquele “*Que vai de graça pro subemprego*”, ou seja, trabalhos mal remunerados, muitas vezes até mesmo braçais, que não exigem experiência ou altos níveis de instrução. Na obra de Tenório (2020) não é diferente: Henrique não só é vítima do subemprego, mas, de forma clara, ao racismo, antes mesmo de ter se tornado professor.

Você tinha dezenove anos mas ainda não sabia muita coisa sobre autoestima, nem sobre se valorizar e essas coisas necessárias para manter a sanidade, por isso você não conseguia olhar por muito tempo nos olhos dele. Bruno percebeu isso. Você era tudo que ele precisava. Você era uma presa fácil. Assim, com total domínio da situação, Bruno disse, com muita naturalidade, que não gostava de negros. Você levantou os olhos. Bruno não se intimidou e repetiu a frase: *não gosto de negros*. Talvez ele esperasse alguma reação sua. Mas nada aconteceu. Você permaneceu imóvel. Depois, Bruno se ajeitou melhor na cadeira e justificou: *não gosto porque, quando eu tinha um sítio em Garibaldi, um casal de negros, que trabalhavam para mim como caseiros, me roubou. Levaram tudo que eu tinha na minha casa. Desde então, não confio mais em negros*. Até aquele momento você nunca havia sofrido racismo, assim, tão descaradamente, não que você se lembre. Mas você não se chocou, pois uma espécie de inércia tomou conta do seu corpo, você não sabia reagir (TENÓRIO, 2020).

Infere-se, conforme o fragmento analisado, que a figura do negro, além de possuir seus estereótipos firmados socialmente através do tempo e enraizados desde o processo de escravidão, também é reafirmada e naturalizada por fatos isolados e corriqueiros, que apenas reforçam erroneamente estes moldes ideológicos de forma coletiva, firmados através dos séculos.

A temática da saúde mental também se faz presente no enredo de *O avesso da pele*: tem-se, aqui, um negro que teme pelo futuro, que se preocupa com sua sobrevivência e a dos seus, que teme as políticas excludentes do Estado, que os coloca em uma posição

claramente subalterna. É claramente perceptível que a compreensão acerca de serem colocados à margem pela ideologia eurocêntrica racista só é compreendida por quem, de fato, é negro.

“Enquanto isso, você observava os terapeutas. E pensou que eles não sabiam nada de vocês. Não conheciam o tumulto vital de vocês. Eles eram brancos. Vieram de uma classe média. E tinham uma visão limitada do mundo. Não perceberam o que estava acontecendo ali. Eles não faziam a mínima ideia de que a metade dos seus problemas estava contida na cor da pele, você pensou. Não diretamente, mas lá no fundo. Você sabia que tudo isso era mais complexo do que eles imaginavam. A psicanálise tinha cor e ela era branca, você pensou. E definitivamente havia coisas que escapavam a Freud (TENÓRIO, 2020)”.

Assim, é explícita a limitação de uma psicanálise eurocêntrica que, historicamente, não leva em consideração as experiências racializadas de pessoas negras. A percepção do protagonista, portanto, revela um abismo entre ele e os terapeutas, que, por serem brancos e oriundos de uma classe média privilegiada, não conseguem compreender plenamente a complexidade de sua vivência. Logo, a afirmação de que “a psicanálise tinha cor e ela era branca” destaca como o saber psicológico dominante muitas vezes ignora o impacto do racismo estrutural na subjetividade negra, tratando questões de sofrimento psíquico sem considerar as violências simbólicas e materiais que atravessam a vida de pessoas racializadas. Assim, o cidadão negro se adequa a uma postura retraída, até mesmo introvertida. Conforme Santos e Costa (2023),

A dificuldade de se relacionar com o mundo pautado na brancura exige que as pessoas negras adotem diferentes posturas, na tentativa de sobreviver aos ataques permanentes por serem negras. A relação com o cotidiano é perturbadora, marcada pelos olhares do branco e pela sensação de ameaças permanentes ao seu corpo negro (SANTOS; COSTA, 2023, p.7).

O leitor se depara, então, com um Henrique permeado de conflitos, na luta pelos seus ideais, mas ao mesmo tempo preso pela repreensão social, desde elementos interligados à intimidade, no que tange a relacionamentos, bem como profissionais, em

vista os preconceitos vividos e a falta de respeito em sala de aula, não sabendo, de primeira, como dominar tais questões.

É importante ressaltar que a ideologia racial não somente busca o rebaixamento dos ideais negros, como também é perceptível o controle ideológico dos corpos negros nesse processo. Em “A Carne”, destaca-se como o racismo institucionalizado define quem pode ou não ascender socialmente: o fragmento “E esse país vai deixando todo mundo preto / E o cabelo esticado” expõe a verídica ideia de que o ato de camuflar os traços negros se faz presente no cotidiano negro, na busca por um padrão de beleza que os afastem dos estereótipos raciais.

Os padrões de beleza historicamente construídos estão fortemente atrelados a ideais eurocêntricos, que estabeleceram, através do posicionamento dominante e racista, a pele clara, os cabelos lisos e os traços finos como referências de estética e aceitação social. Nesse contexto, pessoas negras frequentemente enfrentam a necessidade de adequação a esses modelos para serem consideradas atraentes ou respeitáveis, bem como até mesmo parcial ou completamente aceitas no meio social inseridas.

Assim, o processo de embranquecimento, muitas vezes ideologicamente internalizado, não se limita apenas à estética, mas reflete uma imposição racista que associa a beleza à proximidade com os caracteres brancos, rebaixando os traços negros a uma posição de inferioridade. Conforme destaca Santos (2018), em um depoimento pessoal, essa dinâmica influenciou em sua autoestima e em suas relações sociais, levando-o a modificar sua aparência como forma de minimizar o preconceito e alcançar maior aceitação na sociedade.

(...) sempre que meu cabelo crescia e minha mãe achava necessário cortar, íamos em um barbeiro diferente, estas mudanças de barbeiro ocorriam porque era comum quererem sempre passar máquina em meu cabelo e minha mãe relutava que isto acontecesse (...). No pensamento do barbeiro, não era necessário o uso da tesoura, cabelo crespo, aparar com tesoura, para quê? Passa logo a máquina que tudo se resolve, acredito que era esse o pensamento deles. Quando cresci, acabei sendo vencido pelo racismo e comecei a passar máquina no meu cabelo, deixando-o bem baixo. A decisão em passar a máquina ocorreu pelas tentativas de me relacionar com alguém, sempre que me descrevia ou enviava uma foto, logo era bloqueado ou ignorado pela pessoa com quem

conversava. Acreditava que raspando o cabelo estaria mais “apresentável” e que seria mais fácil conseguir um relacionamento. Mesmo não querendo assumir, essa era uma tentativa de me embranquecer, de chegar a uma estética branca que agradasse o outro (SANTOS, 2018).

Em *O avesso da pele*, esse processo de dominação cultural aparece quando o protagonista começa a modificar sua aparência para tentar evitar o racismo e, claramente, passou a ser mais aceito no ambiente em que se encontrava.

Foi a primeira vez que você usou um terno na vida, e um dia, quando estava entrando no banco, você foi chamado de doutor por uma atendente. Aquilo te fez pensar na sua aparência, nas suas roupas, nos seus sapatos, no seu cabelo. Como num estalo, percebeu que o modo como se vestia poderia ser o motivo de haver recebido tantas abordagens policiais durante a vida (TENÓRIO, 2020).

O fragmento anterior é uma evidência, que perpassa a ficção, de como a vestimenta pode influenciar a forma como uma pessoa negra é percebida socialmente, servindo, assim, como um reflexo ao racismo estrutural, que costuma associar determinadas roupas e estilos a estereótipos comuns e negativos à raça. Henrique ao vestir um terno, experimenta uma mudança no tratamento que recebe, sendo chamado de “doutor” e percebendo que sua aparência pode determinar ou em respeito, ou a suspeita como a um ser “criminoso”. Essa experiência ilustra, assim, a forma como pessoas negras, sobretudo homens, são frequentemente enquadradas em estereótipos racistas que os vinculam à criminalidade, tornando-os alvos constantes de abordagens policiais, claramente presentes na obra.

Apesar das denúncias racistas vivenciadas pelo homem negro do século XXI, a canção também busca ressaltar a luta coletiva e a resistência da população negra perante tal injustiça social: “*Mas, mesmo assim / Ainda guardo o direito de algum antepassado da cor / Brigar sutilmente por respeito*”. Percebe-se, então, que é uma constante o resgate aos antepassados negros, bem como personalidades negras em ascensão e evidentes, servindo como uma forma de resistência e resiliência negras diante do contexto hostil vivenciado. Essa resistência também aparece no romance, especialmente quando o

protagonista começa a tomar consciência da sua identidade racial e da história da escravidão:

Mas, quando o professor Oliveira contou para sua turma sobre Malcolm X, quando vocês conversaram sobre Martin Luther King, quando pela primeira vez você ouviu a palavra ‘negritude’, o seu entendimento sobre a vida tomou outra dimensão, e você se deu conta de que ser negro era mais grave do que imaginava (TENÓRIO, 2020)”.

A representatividade de figuras públicas negras, assim como a música, desempenha um papel importante não somente no processo de autoaceitação, como também no processo de valorização da própria cultura e da própria identidade: ao ocuparem espaços de destaque na mídia, em espaços antes negados, essas personalidades desafiam os padrões racistas que invisibilizaram e até mesmo estereotiparam o homem negro, inspirando, assim, outras pessoas a se reconhecerem, rompendo, assim, com a ideia de que o sucesso e a excelência pertencem exclusivamente a indivíduos brancos, bem como figuras públicas negras contribuem para a ressignificação dos padrões de beleza e comportamento, promovendo narrativas que reforçam o orgulho racial e incentivam a luta contra a discriminação: ao se verem representadas em posições de prestígio e influência, pessoas negras encontram respaldo para se afirmarem em sua identidade sem a necessidade de se adequar a ideais eurocêntricos.

O avesso no drama: a intertextualidade em Racionais MC’s e Jeferson Tenório

Em “Negro Drama”, há uma denúncia clara da perseguição policial e do genocídio da população negra: a música é uma clara denúncia da realidade violenta vivenciada por jovens negros periféricos, diretamente envolvidos no racismo estrutural, que mola das relações entre o Estado e a população marginalizada. A letra expõe, de forma direta, a brutalidade policial ao negro, bem como abordagens policiais racista e o extermínio da população negra. Em *“Recebe o mérito, a farda que pratica o mal / Me ver pobre, preso ou morto já é cultural”*, Racionais MC’s deixa claro o prestígio recebido pela polícia através de crimes cometidos à população negra, em sua maioria, negligenciados e impunes. Essa

mesma realidade aparece no romance em diversas passagens. Por exemplo, quando o protagonista é abordado apenas por estar parado na frente do próprio prédio:

Na manhã do dia vinte e um de agosto de dois mil e dezesseis, você foi abordado pela polícia. Você estava na frente do seu prédio esperando uma carona para ir trabalhar. Você tinha cinquenta anos e não pensava que ainda teria de passar por isso. Enquanto você conferia a hora no seu relógio, dois policiais, em motocicletas, da Brigada Militar, se aproximaram de você e perguntaram o que fazia ali parado. Você demorou alguns segundos para responder, na verdade queria se recusar a responder, pensou em confrontá-los, perguntar por que estava sendo abordado, mesmo que já soubesse a resposta. Você estava cansado daquilo. Cansado de ter que dar explicações para a polícia (TENÓRIO, 2020).

A saúde mental de Henrique é claramente alvo da violência policial em seu nível psicológico: apesar da idade, o personagem ainda precisa lidar com a suspeita através do seu corpo negro, o que revela que o direito do homem negro a viver livre no espaço público segue sendo negligenciado. Assim, o possível sentimento de revolta contido na narrativa reflete a frustração de quem já sabe a resposta para a abordagem policial, mas se vê impotente diante de um sistema que naturaliza e perpetua essa discriminação através de dispositivos ideológicos do Estado e estereótipos repassados por geração.

Além da força, do processo de resistência, bem como o ódio diante de todo o contexto, sentimento de medo também é uma constante na obra, bem como na letra de Racionais MC's: em *"O drama da cadeia e favela / Túmulo, sangue, sirene, choros e velas"*, mostra a brutalidade e o medo imposto aos personagens negros desde a infância, por exemplo. Há uma constante atribuição, e óbvia, entre racismo e morte.

E no dia seguinte, quando você acordou, sentou na sala e viu aquele buraquinho da bala no assoalho, você ficou paralisado novamente, mesmo com sua mãe dizendo para ir logo porque você ia se atrasar para a escola. E você teve que ir para a escola sem café da manhã, porque não conseguia comer, você não tinha fome. E, ao chegar à primeira aula, a professora de matemática fez a chamada, mas você não respondeu, pois sua cabeça ainda estava naquele buraquinho no assoalho, sua cabeça ainda repercutia os ecos dos gritos da noite anterior, dos gritos da sua tia, das ameaças do seu tio e dos latidos do Urso (TENÓRIO, 2020).

O homem negro, assim, vê-se preso a um sistema que não somente o consome fisicamente, como também mentalmente: o medo alia-se ao ódio ao sistema, que se mantém ao ciclo vicioso de colocá-lo em uma posição subalterna.

Há, em “Negro Drama”, versos que ressaltam a luta para escapar da miséria, mas também o estigma que permanece pelo estigma associado à ideologia racista: *“O dinheiro tira um homem da miséria / Mas não pode arrancar de dentro dele a favela”*, ou seja, mesmo que este consiga ascender socialmente, ainda será estereotipado a condições marginais, bem como tal condições sejam uma das poucas soluções de melhorar de vida, por conta da latente falta de oportunidades. No livro, isso é retratado na trajetória de Juarez e seu irmão, que, diante da fome, acabam se envolvendo com o tráfico:

Juarez descobriu que Júlio, o irmão mais velho, tinha começado a vender drogas. Certo dia, eles discutiram, Juarez disse que não foi pra isso que a gente veio pra Porto Alegre, não foi pra isso. E se o pai descobre uma merda dessas? O irmão mais velho disse para ele não se meter, que só estava tentando sobreviver. (...) Voltar a ser miserável, voltar a não ter o que comer, a não ter o que vestir, não, isso não. Em algumas semanas, Juarez foi convencido e começou a vender drogas junto com o irmão (TENÓRIO, 2020).

A luta contra a marginalização também aparece quando o protagonista reflete sobre sua trajetória e percebe que, independentemente do esforço, ainda é tratado como suspeito:

“Agora você queria se parecer com os advogados do seu escritório. (...) Na primeira balada a que você foi nesse estilo, você não sabia muito bem o que esperar. Mas bastou entrar para perceber que, mesmo de terno, mesmo sem boné ou tênis, você ainda era um corpo negro no sul do país. Era como se um código invisível estivesse gravado na sua pele (TENÓRIO, 2020)”.

A ilusão da respeitabilidade é uma das formas que o negro busca de escapar do racismo: Henrique, ao tentar se parecer com seus colegas advogados, veste um terno na esperança de ser tratado de maneira diferente, mas logo percebe que a discriminação não se dissolve com a mudança de vestimenta. A menção a um “código invisível” gravado em sua pele reforça a ideia de que a identidade negra, independentemente de status ou

adequação a padrões de vestuário, continua sendo alvo de exclusão e preconceito. Assim, conclui-se que a raiz do racismo não está apenas nas roupas ou nos comportamentos, mas sim em estruturas enraizadas que determinam quem pertence a determinados espaços e quem é visto como um estranho, mesmo quando se encaixa em normas socialmente valorizadas.

A música de Racionais MC's também se encaixa como um forte relato a respeito da ausência paterna e o impacto disso na vivência negra: *"Uma negra e uma criança nos braços / Solitária na floresta de concreto e aço"*. Claramente, o ato de ser mãe solteira é um fardo a ser carregado por uma mulher negra: o fragmento ilustra, assim, a solidão e a vulnerabilidade desta em um ambiente urbano hostil, encontrando-se à mercê de qualquer tipo de preconceito. A simbologia da "floresta de concreto e aço" representa a cidade, mais claramente a representação das favelas, um espaço marcado por desigualdades, onde a mulher negra enfrenta dificuldades sozinha, seja na criação dos filhos, seja na luta por sobrevivência. O tópico se faz presente de forma direta no romance, quando o protagonista reflete sobre o abandono do pai e a necessidade de reconstruir sua história a partir da ausência:

Acho que vocês nunca se preocuparam em organizar uma narrativa para mim. Sei que o tempo foi passando e o que foi dito por vocês, antes de minha memória, foi dito em retalhos. Então precisei juntar os pedaços e inventar uma história. Por isso não estou reconstituindo esta história para você nem para minha mãe, estou reconstituindo esta história para mim. Preciso arrancar a tua ausência do meu corpo e transformá-la em vida (TENÓRIO, 2020).

Há uma dupla necessidade na busca pela identidade: a ausência paterna, bem como a hostilidade presenciada somente por ser negro. Por ter uma função denunciativa da realidade, bem como dar voz a uma raça hostilizada, a reflexão sobre a condição do homem negro em um sistema racista está presente em ambas as obras. Mano Brown afirma: *"Que Deus me guarde, pois eu sei que ele não é neutro / Vigia os rico, mas ama os que vêm do gueto"*. O clamor pela sensibilidade, assim, demonstra que Deus está do lado dos hostilizados, bem como se encaixa como uma crítica direta a concepção de Deus como uma figura neutra a tais condições, como um ser divino que ama a todos. Logo, é

como se o personagem clamasse pelo divino, como se quem o guiasse, realmente não dormisse e o amasse independente de cor, mas sim, pela sua essência. Em Tenório (2020), o personagem passa por um processo de tomada de consciência sobre o racismo estrutural, semelhante a um processo de clarividência, que o incentivava a ser como se era, a cultivar sua própria essência.

É necessário preservar o avesso, você me disse. Preservar aquilo que ninguém vê. Porque não demora muito e a cor da pele atravessa nosso corpo e determina nosso modo de estar no mundo. E por mais que sua vida seja medida pela cor, por mais que suas atitudes e modos de viver estejam sob esse domínio, você, de alguma forma, tem de preservar algo que não se encaixa nisso, entende? Pois entre músculos, órgãos e veias existe um lugar só seu, isolado e único. E é nesse lugar que estão os afetos. E são esses afetos que nos mantêm vivos (TENÓRIO, 2020).

O "lugar só seu, isolado e único" sugere um refúgio interior onde a individualidade e os sentimentos mais profundos residem e, embora o racismo e os estereótipos possam definir o corpo e as experiências de uma pessoa, há uma parte da identidade que é imune a essas forças e que se mantém intacta.

Considerações finais

A interseccionalidade entre a literatura e a música possibilita não somente uma análise intertextual frente às diferentes modalidades de expressão artística, como também proporciona, no que tange à temática, o aprofundamento das abordagens sociais ligadas à contemporaneidade. Esse processo intertextual entre literatura e música reforça um dos papéis artísticos de potencializar temáticas sociais além do entretenimento, em vista o formato denunciativo e de afirmação identitária, uma vez que, em uma abordagem frente ao racismo estrutural, a violência policial e a marginalização do corpo negro quanto aos seus caracteres fenotípicos, em ambas as obras, ampliam a compreensão da realidade social brasileira ao dar voz a quem esteve envolvido a um processo imposto de subalternização no decorrer dos séculos.

Logo, esse diálogo entre a literatura de Jeferson Tenório alinhada às produções musicais interpretadas por Elza Soares e Racionais MC's, o presente artigo evidencia a necessidade de exaltar a produção cultural negra através de um viés de preservação de memória e identidade, por retratar as consequências da ideologia racista e seu direcionamento acerca da desigualdade, como também transparecer a necessidade de uma literatura denunciativa, que oportuniza dar voz a personagens negros como uma forma de reconstrução histórica e subjetiva, para que se reconheça a arte não somente um reflexo social, mas um espaço de luta e resiliência, onde o avesso da carne se revela como matéria viva da resistência negra.

Referências

ABREU, Patrícia Lúcia da Silva; MOSER, Liliane. RACISMO E VIOLÊNCIA POLICIAL: os desafios das periferias no Brasil. **XI Jornada Internacional de Políticas Públicas: reificação capitalista e consciência de classe na luta de hegemonias**. São Luís: Universidade Federal do Maranhão, Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas, 2023. Disponível em: https://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2023/images/trabalhos/trabalho_submissao_id_2142_2142648b5ac76bd44.pdf. Acesso em 26 jan. 2025.

CERQUEIRA, Daniel. **Atlas da Violência 2024**. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2024.

COSTA, D. B. ; AZEVEDO, U. C. Das senzalas às favelas: por onde anda a população negra brasileira. **Socializando**, v. 3, p. 145-154, 2016. Disponível em: https://www.fvj.br/revista/wp-content/uploads/2016/07/Socializando_2016_12.pdf. Acesso em: 25 fev. 2025.

MC'S, Racionais. **Negro Drama** [2002]. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/racionais-mcs/63398/>. Acesso em 24 jan. 2025.

Movimentos/CESeC. #VidasNasFavelasImportam: juventude periférica, participação política e a construção de alternativas à guerra às drogas. **Journal of Illicit Economies and Development**, 2019. DOI: <https://doi.org/10.31389/jied.38>. Acesso em 01 mar. 2025.

RAMOS, Silvia *et al.* **Pele alvo: mortes que revelam um padrão**. Rio de Janeiro: CESeC, 2024.

RAYMUNDO, Jonathas Alessandro. **Negro é lindo: a música como ruptura do estigma das masculinidades negras**. Monografia (Bacharel em Comunicação Social, Habilitação em Publicidade e Propaganda) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, p. 47. 2021.

SANTOS, J.E.D; COSTA, I.I.D. Vida contada, vida vivida: racismo e sofrimento psíquico. **Serviço Social & Sociedade**, v. 146, n. 2, p. e6628328, 2023. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0101-6628.328>. Acesso em: 02 fev. 2025.

SANTOS, Neusa. **Tornar-se negro ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

SANTOS, R. L. O corpo negro: a estética negra como forma de resitência. In: **X Congresso Brasileiro de Pesquisadores/as Negros/as**, 2018, Uberlândia. Política e Cultura: A(r)tivismos negros pelas Diásporas, 2018.

SILVA JUNIOR, Rinaldo Barbosa da; ALMEIDA, Daiane Vithoft de. **A literatura como expressão sociocultural: objeto estético e realidade**. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Letras) - Centro Universitário Internacional Uninter. 2021.

SOARES, Elza. **A carne** [2002]. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/elza-soares/281242/>. Acesso em 24 jan. 2025.

TELLES, Ana Clara; AROUCA, Luna; SANTIAGO, Raul. Do #vidasnasfavelasimportam ao #nóspornós: a juventude periférica no centro do debate sobre política de drogas. **Boletim de Análise Político-Institucional / Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada**. – n.1 (2011) - . Brasília: Ipea, 2011. Disponível em: https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/8846/1/Bapi_18.pdf. Acesso em: 22 fev. 2025.

TENÓRIO, Jeferson. **O avesso da pele**. 1 ed., São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

VALLADARES, Lucia. A gênese da favela carioca - A produção anterior às ciências sociais. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. vol. 15. n.44. 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v15n44/4145.pdf>> Acesso em: 26 jan. 2025.